

# CAMPOS LEXICOS DOS FALARES RURAIS DE GOIÁS, MATO GROSSO, MINAS GERAIS E SÃO PAULO.

Gisele Martins SIQUEIRA (Mestranda FL/UFG)

[Gisele.msiqueira@gmail.com](mailto:Gisele.msiqueira@gmail.com)

Maria Suelí de AGUIAR (FL/UFG)

[aguiarmarias@gamil.com](mailto:aguiarmarias@gamil.com)

**Palavras-chave:** Campos Léxicos, Povo, Cultura, Sociedade.

## CAMPOS INTRODUTÓRIOS

Neste trabalho, apresentaremos o estudo preliminar de entrevistas do Projeto interinstitucional Filologia Bandeirante (COHEN *et al.*, 1997), tomando o nível léxico como inquestionavelmente entrelaçado nas relações sociais e culturais, na perspectiva de que práticas culturais específicas se mostram estruturadas na língua.

Constatamos que a língua pode ser preservada e conservada por muitos anos, graças à conservação de hábitos linguísticos dos que a usam, pois a sua realização só é possível através da fala dos indivíduos pertencentes a uma determinada comunidade linguística.

Neste estudo, falantes de perfil marcadamente rural e com idade acima de sessenta anos, moradores de localidades brasileiras diversas referentes às rotas das bandeiras paulistas, seriam os responsáveis pelos laços linguísticos que unem cultura e léxico numa reconhecida conservação de formas léxicas. Tais formas se mantêm conservadas porque houve condições sociais que o permitiram, como o isolamento deste grupo populacional do processo de urbanização e as condições geográficas da região estudada.

Sabemos que o léxico está ativo nas formas culturais de uma dada língua, e percebemos esse fato nos itens lexicais selecionados para análise, que tendem a resistir, não propositadamente, por parte dos falantes em manter suas práticas culturais a partir de usos linguísticos. Faremos, também, o inventário dos signos mais significativos e recorrentes que formam os campos léxicos *trabalho*, *religião*, *saúde e doenças* e os analisaremos na perspectiva da teoria de Coseriu (1977).

A escolha dos campos léxicos específicos se dá pelo fato de as pessoas, falantes rurais, que fazem parte desse *corpus* de pesquisa, afirmarem-se enquanto

sujeitos que trabalham e que fazem disso sua referência de vida; enquanto matéria, corpo físico que é vulnerável às doenças e à morte; se afirmarem no conceito de homem, como ser dotado de alma e de intelecto, indivíduo possuidor de fé e o indivíduo enquanto ser social, que necessita se relacionar com o meio social.

Acreditamos que esse subsistema linguístico rural dos falantes constitui um léxico que se caracteriza por sua especificidade e particularidade, principalmente no que se refere ao conceito de conservação dos traços da língua dos séculos XVII e XVIII. Por isso, se justifica a importância desse estudo dos campos léxicos para levantar dados que caracterizam a relação língua, cultura e sociedade rural das regiões de Goiás, São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais, pontos de abrangência e interesse do Filologia Bandeirante.

## **MÉTODOS UTILIZADOS NA CONCEPÇÃO DOS FALARES RURAIS**

O trabalho em questão teve como procedimento primeiro transcrever as falas dos homens e das mulheres que relatam suas vivências e experiências nas entrevistas gravadas no CD Filologia Bandeirante para, a partir das transcrições, fazer um levantamento dos dados referentes aos campos léxicos que se definem na perspectiva do trabalho, religião, festas e lendas, doenças e morte. Por isso, faremos transcrição gráfica dos textos, valendo-nos dos recursos tradicionais de marcação como sinais de pontuação, uso das maiúsculas que caracterizam um texto escrito, de forma a dar aspecto gráfico a um material oral.

Ao escolhermos o que registramos, manifestamos um posicionamento diante do objeto já que Cintra (2000) nos ensina que a arte de transcrever não se limita a uma tarefa mecânica, que se está sujeita à representação de sons, apenas através de símbolos gráficos, mas que há um posicionamento teórico e ideológico, que propicia designar quais fenômenos são interessantes à observação e por quê. Dessa forma, observamos quais dos aspectos coletados são relevantes para os fins almejados, assim como, ressaltamos o grau de variação que se pode esperar desses aspectos analisados.

A tarefa de transformarmos o material sonoro em um material gráfico, foi estabelecida com bastante critério, levando em consideração a faixa etária específica, o nível de escolaridade e a localidade, nesse caso rural, em que esses falantes adquiriram seu vernáculo, pois o modo de se definir como sujeitos que

pertencem a uma comunidade linguística está projetado nesses indivíduos que carregam na fala marcas que caracterizam os *falares rurais*.

Existem concomitantemente, numa comunidade linguística, diversos sistemas linguísticos, de acordo com os grupos sociais e com as gerações. Em especial, há formas que pertencem somente a alguns locutores mais velhos, que podem ser consideradas pelos falantes mais jovens como arcaísmos em relação à norma comumente assumida por Dubois (1998).

Consideramos que esse modo de falar conservador que preserva formas de arcaísmo, encontradas nas falas dos entrevistados, pode ser comprovado através de materiais dos séculos anteriores como o “Diccionario de Língua Portuguesa” de Silva ([1813] 1922), em comparação com dicionários atuais para verificar a possível existência do signo e se ele mantém a mesma acepção encontrada nas entrevistas. Para esta etapa recorreremos ao “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” (FERREIRA, 1986; 2004) e “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa” (HOUAISS, 2001), de forma a fazer um cotejamento dos termos conservados com outros menos conservados e atuais, que ainda são usadas pelos sujeitos.

Podemos dizer que certas formas léxicas se mantêm conservadas no tempo porque houve condições sociais que o permitiram, como o isolamento deste grupo populacional do processo de urbanização, e as condições geográficas da região estudada. Porque o léxico está ativo nas formas culturais de uma dada língua, percebemos esse fato nos itens lexicais selecionados para análise, que tendem a resistir, não propositadamente, por parte dos falantes em manter suas práticas culturais a partir de usos linguísticos.

Em seguida, faremos o inventário dos signos que formam os campos léxicos mencionados para, dessa forma, analisar estes signos, dentro da teoria de Coseriu (1977, p. 32-33), para os campos léxicos.

Se por “estrutura” entende-se o fato de que as unidades funcionais são analisáveis por completo em elementos diferenciais (“traços distintivos”), se pode, também, falar de “estruturas léxicas”, já que, a este respeito, a analogia que se comprova entre os fonemas e os lexemas não é menos evidente.

A análise dos campos léxicos, como um subsistema aberto que se caracteriza por um sistema formal maior, constitui-se de estruturas lexicais, variadas

semanticamente e relacionadas por traços opositivos mínimos de conteúdo léxico. Faremos um levantamento dos lexemas dos textos orais que foram estudados, identificando pelas oposições formais, as quais se instauram até onde a realidade extralinguística determina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o desenvolvimento desse trabalho, observamos que as declarações dos informantes revelam que o reconhecimento das formas lexicais significa que estas façam parte do seu vocabulário ativo. O seu uso nas gerações mais velhas ou pode ser condicionado pela variação livre e/ou pelo contexto. Os trechos das entrevistas transcritos confirmam que a seleção lexical depende de fatores que envolvem não só o falante como também o ouvinte.

Dependendo daquele com quem fala, o indivíduo pode selecionar seu vocabulário de maneira que se possa fazer amplamente entendido, sem prejuízo das informações que deseja veicular. Alguns informantes preocuparam-se em fazer substituições no seu vocabulário, desistindo de uma seleção inicial para optar por outra que transmitisse claramente as suas informações, a partir do momento em que se sentiam mais adaptados aos entrevistadores.

O conhecimento linguístico particular de cada falante, decorrente principalmente do grupo social a que pertence, é também um fator condicionante da conservação de formas utilizadas pela maioria dos habitantes de uma comunidade, neste caso a comunidade rural. Estas formas se mantêm no âmbito do vocabulário ativo e são utilizadas geralmente em situações cotidianas. Os depoimentos dos informantes nos dizem que a história de suas vidas e de suas comunidades, ou seja, o movimento constante da história e da cultura locais é fator importante a ser considerado na pesquisa linguística.

A hipótese de pesquisa apontada no início deste trabalho, de que há entre estes homens e mulheres das trilhas das bandeiras um traço comum no modo de nomear e significar o mundo e as suas experiências diversas que, aparentemente, por estarem em regiões geográficas distantes, poderiam ser pensadas como muito diferentes, pode ser observada e analisada de forma a dar mais credibilidade ao assunto. Mas que ora não apresentamos por ser uma das questões fundamentais do trabalho final da Pós-Graduação.

No entanto, podemos afirmar que um estudo de linguística histórica, de natureza lexical, social e cultural como o que propusemos não se constituiu totalmente esgotado e aponta para possíveis futuras investigações, sejam na leitura e interpretação da língua rural, no estudo cultural do texto narrativo, ou no estudo das variações e/ou conservações gráficas. Por estas contribuições à nossa formação científica e a de uma linha de pesquisa nesta Universidade Federal de Goiás é que julgamos importantes pesquisas de Linguística Histórica de cunho lexical, como a que aqui apresentamos e que se somará a outras que se realizam no Brasil, no afã de se conhecer a língua transcontinental que usamos nas nossas práticas de interação, atualmente ou outrora.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, M. da C.R., QUEIROZ, R. de C. R. de e SANTOS, R. B. dos. (Orgs.) **Diferentes Perspectivas dos Estudos Filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, A. N. e OLIVEIRA, A, M. P. P. (Orgs.) **Ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

CINTRA, G. Filologia Bandeirante: registro de entrevistas. In: MEGALE, H. (org.) **Filologia Bandeirante** - estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 163-169.

COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LE GOFF, J. Memória. In \_\_\_\_\_. **História e memória**. 5. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-476.

SAPIR, E. **Lingüística como ciência**. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

USP. **CD Filologia Bandeirante**: entrevistas orais. São Paulo: FFLCH, 2002.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.